



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiario

Curtir 232 Tweetar 17 +1 0

Negras. Não "moreninhas", "escurinhas", "chocolate" ou outras formas de esconder o temor generalizado do preconceito, que apenas o reforça. No **Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha**, a discussão deve ser aberta a todas as cores, gêneros, credos e outras condições que nos diferencie sem nos fazer humanos menos semelhantes. Nos próximos cliques, você entra em um universo de constante luta por coisas simples como a legitimação; sensações básicas como a de se sentir bem sem olhares de juízo pré-concebidos. São relatos de gente real, que lida diariamente com uma ignorância teimosa e que ainda segrega e fere por meio de uma discriminação por vezes silenciosa, mas sempre presente.



Com as bênçãos dos orixás



Mulher, negra e lésbica, e daí?



Sem dar trela aos dramas pessoais



Discurso afiado na academia

Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, 25 de julho

Longe de ser comemorativa ou comercial, a data, assim como as pessoas às quais se refere, luta por legitimidade social. A data, escolhida em referência ao último dia do Encontro das Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, em 1992, passou a ser lembrada até mesmo na África, desde a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, realizada na África do Sul em 2001:

Deixe seu comentário

14 comentários

Comentar



Lucimary Elisabete Passos · Advogada na empresa Diversos colégios públicos e privados da cidade e região.

Com todo respeito as companheiras que tem opinião distinta da minha, mas acho necessário e importante o debate constante sobre a questão, a articulação social para despertar consciências de tantos irmãos(ãs) que ainda não assumem sua negritude e seguem com uma parcela de brasileiros que alegam ser essa questão uma bobagem, porque vivemos sob a égide de uma pseudo democracia racial. Salve, salve a todas as mulheres e homens que transformam essa teia social onde estamos inseridos num cosmo mais humano e incluyente.

Responder · 6 · Curtir · 26 de Julho às 14:15



Lindinalva Lucena Gomes Lucena · Universidade Federal Rural de Pernambuco

QUE LINDO!!! ESPERO QUE AS AFRO-DESCENDENTES, PERCEBAM COMO FORAM IMPORTANTES PARA A FORMAÇÃO DA NOSSA SOCIEDADE. TÃO RICA, NA SUA DIVERSIDADE CULTURAL. DIGA 1 NEGRA SIM! COM MUITO ORGULHO!!! PARABÉNS DOUTORA POR FAZER PARTE UM UMA CLASSE FORMADORA DE OPINIÕES. PARABÉNS MESMO!!! ORGULHO-ME DE SER SUA AMIGA!

Responder · 1 · Curtir · 26 de Julho às 14:23



Natália Maria · "Sou pequena aprendiz da lição, que a grandeza está no coração"

Espero é que a nação perceba, reconheça e valorize isso, repare tantas injustiças!

Responder · Curtir · 27 de Julho às 09:52



Clícia Roberta · Faintvisa

Sou uma entre tantas mulheres negras do meu estado, e sei bem os desafios enfrentados em meu cotidiano para me assumir enquanto negra, pois há sempre alguém para me dizer que sou moreninha, e aí já viu, viro fera. Amo minha cor, me ucabelo, que me nego a alisa. Vamos à luta contra o preconceito! Viva a mulher! Viva ao povo negro!

Responder · 5 · Curtir · 25 de Julho às 09:00



Jose Marcio Silva · Trabalha na empresa BrF

ei ta que tenho orgulho de conhecer tamanha cede de justiça e liberdade humana!

Responder · Curtir · 26 de Julho às 14:41

Ver mais 12

Plug-in social do Facebook

Expediente



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiário

Curtir 232 Tweetar 17 +1 0

Com as bênçãos dos orixás

"Somos 52% da população. Não faz sentido estarmos apenas servindo. Também temos que ocupar posições de poder"

Ela diz ter sido escolhida pelos orixás desde criança. O "chamado", no entanto, foi atendido apenas há pouco mais de dez anos, após uma longa vida católica, mantida por temor o desconhecido do sobrenatural e a reação daqueles que a rodeavam. Vera Baroni, aos 67 anos, abraça a religião como uma posição política. Um manifesto por igualdade e liberdade com o qual sonha desde os primeiros anos de vida.

A escolha por seguir suas raízes afrodescendentes recheia uma lista de pontos vulneráveis aos olhos da sociedade que sempre quis mudar. Mulher, negra e frequentadora de terreiros. Combinação que lhe rendeu mágoas ao longo da vida. "Trabalhava em uma empresa pública cheia de evangélicos. Logo após deixar o catolicismo para abraçar minha religião, de matriz africana, eles promoveram um culto para 'limpar' o ambiente. Dói", lembra.

Aquela, como ela mesma gosta de ressaltar, foi apenas uma das inúmeras demonstrações de intolerância aos quais foi involuntariamente submetida. Já foi impedida, por um segurança negro como ela, de visitar uma amiga em um condomínio acessando o apartamento pelo elevador social. Nas lojas, ouve sugestões de versões mais baratas e "acessíveis" dos bens que busca comprar. Uma face do preconceito que insiste em dar cor a uma discriminação velada.

As distinções são recorrentes, bem como as frustrações. "Temos que ver uma cozinha ancestral de um terreiro quase caindo, sem qualquer tipo de ajuda financeira de qualquer autoridade, enquanto assistimos à Igreja de São Bento ser recuperada em Nova York com o dinheiro que também pagamos. Tudo justificado por acontecer em uma país laico que, na prática, tem religião quase oficial", critica.

Recifense de coração desde 1967, a advogada carioca aposentada fez parte da primeira turma de operárias de uma famosa indústria de calçados local. A vida mudou ao decidir fazer especialização em direitos humanos para encabeçar o ativismo com a Marcha Zumbi pela Vida, em 1995. "Somos 52% da população. Não faz sentido estarmos apenas servindo. Também temos que ocupar posições de poder", defende.

Filha de uma das líderes religiosas de Cachoeiras (BA), berço do candomblé, Vera vislumbra um futuro diferente para as duas filhas. Para isso, contesta todos os dias o mito da miscigenação que tenta amenizar o racismo por sua negação. Recusa eufemismos. Não aceita "moreninha", "chocolate" ou outros vocativos de qualquer espécie. Negra. Na história e no discurso. Espera, assim, dar forma a uma discriminação, para muitos, invisível. Aposta no grito de hoje, esperando que, com a bênção de todos os deuses, as próximas Veras não se permitam calar.



Com as bênçãos dos orixás



Mulher, negra e lésbica, e daí?



Sem dar trela aos dramas pessoais



Discurso afiado na academia

Expediente

Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydia Barros | Reportagem e produção: Ed Wanderley

Coordenação de fotografia: Inês Campelo | Fotografias: Arthur Souza/DP/D.A Press, Bienda Souto Maior/DP/D.A Press, Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press, Júlio Jacobina/DP/D.A Press e Synara Nlyni/Especial DP/D.A Press

Produção, Design e Desenvolvimento: Taís Nascimento



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiário

Curtir 232 Tweetar 17 +1 0

Mulher, negra e lésbica, e daí?

Era mulher, negra, gay - "Poderia exercer a função, mas sem receber um salário compatível. Enquanto um colega, no mesmo nível, ganharia muito mais."

Ela namora meninas e não faz chapinha no cabelo. Faz questão. Duplamente diferente de suas oito irmãs. Sua definição, em suas próprias palavras, seria que Fernanda Lima, 37, é um fruto do pecado. Brincadeiras de quem, durante toda a vida, lidou com a busca por uma identidade socialmente aceitável que não significasse renegar as próprias raízes. Filha de pai caminhoneiro gerada fora do casamento, foi criada pela mãe, branca e empregada doméstica, até os dez anos. "Nas lojas, ficavam me olhando. Falavam como era bonita a filha adotiva de minha mãe. Em algum momento, cheguei a acreditar naquilo. Enquanto as pessoas queriam ser gentis e falar manso, me feriam sem saber", lembra.

Foi na mãe, Olívia Lima, que encontrou a lógica de nadar contra a maré e guiar-se pelo inesperado. Branca, paraibana de Queimadas (PB) e "roubada" da família pelo namorado negro aos 14 anos, ela se fez ativista pelos direitos negros, passos hoje seguidos pela filha. Sem educação formal, a mãe proibia a filha de entrar numa cozinha, praticamente obrigando-a a um futuro melhor que somente seria conquistado pela educação. "Entendo perfeitamente as escolhas que ela fez. Ela me influenciou de uma forma tremenda. Hoje sou formada em Marketing, contra as probabilidades. Foi até difícil morar sozinha e não saber fazer nada por conta dela", brinca ao lembrar da mãe, com quem viveu até os 9 anos, enquanto a situação financeira permitia, e de quem se despediu há 10 anos por conta de uma asma crônica.

Dona Olívia tentou, mas não conseguiu protegê-la das privações que a sociedade lhe impôs. Há três anos, Fernanda viu a vida mudar quando pediu demissão da empresa onde construiu uma carreira ao longo de quase uma década. Era mulher, negra, gay. "Poderia exercer a função, mas sem receber um salário compatível. Enquanto um colega, no mesmo nível, ganharia muito mais. Sei que foi por conta disso. Não podia continuar", lembra. A "paz" veio no mesmo ano, quando encontrou a companheira com quem mantém um relacionamento até hoje. Voltou a trabalhar, mas como assessora de um vereador.

Essa moradora do bairro de Boa Viagem, no Recife, é vaidosa. Se arruma com estilo para si e para quem quiser olhar. Os cabelos, crespos, passam longe de rebeldes e compõem o visual de quem tem orgulho de optar em ser quem é. Faz das frases de conteúdo culto arma contra as palavras de ignorância que ferem. Fernanda Lima convive e dá novo significado ao nome de famosa apresentadora de tv, que representa um estereótipo que domina o imaginário popular, mas não as estatísticas sociais, e que, como as oito irmãs de sua "versão" negra e pernambucana, é adepta da chapinha.



Com as bênçãos dos orixás



Mulher, negra e lésbica, e daí?



Sem dar trela aos dramas pessoais



Discurso afiado na academia

Expediente

Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydia Barros | Reportagem e produção: Ed Wanderley

Coordenação de fotografia: Inês Campelo | Fotografias: Arthur Souza/DP/D.A Press, Blenda Souto Malor/DP/D.A Press, Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press, Júlio Jacobina/DP/D.A Press e Synara

Rlyni/Especial DP/D.A Press

Produção, Design e Desenvolvimento: Tais Nascimento



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiário

[Curtir](#) 232 [Tweetar](#) 17 [+1](#) 0

Sem dar trela aos dramas pessoais

"Não posso parar. No quilombo é onde eu quero passar o resto de minha vida, junto a meu marido, e penso sempre no bem estar de todos"

As mãos que produzem artesanato são as mesmas que empurram a cadeira de rodas pelo chão de terra fofa da cidade de Salgueiro, no Sertão do estado. Valdeci Maria da Silva, 48, completou dois anos somando a incapacidade motora à lista de características que a fazem lidar com preconceitos. Negra, moradora da zona rural da cidade, nascida e criada no quilombo Conceição das Crioulas, ela ainda tenta se adaptar a uma realidade que o acaso lhe trouxe. "Enquanto crescia, algumas vezes não nos aceitávamos negros porque toda a história mostra que os negros eram objetos, mercadoria, coisas. Hoje, não aceito a cadeira de rodas, não aceito me ver nessa situação. Vou ficar boa e não terei que lidar com olhares de diferença ou pena", afirma.

Valdeci personifica o grupo de pessoas que a Organização das Nações Unidas classifica como vítimas de "discriminação agravada", condição em que o dano psicológico da intolerância é multiplicado, já que é sentido em várias frentes. Mulher, negra, moradora de zona rural, nascida e criada em um quilombo, acima do peso e, ao menos por enquanto, cadeirante. Val, como é conhecida, ignora as demonstrações de ignorância. "Às vezes, a 'fala' é uma simples 'olhada'. E dói muito mais", diz. Cor e gênero a fazem o que é. Abrir mão dos seus atributos não se faz opção. Determinação e insistência acompanharam todas as decisões de sua história. Com as limitações que a prisão do próprio corpo oferece, mal tem tempo para comemorar a lenta recuperação dos movimentos do tronco e dos braços.

Valdeci é encarregada da geração de renda de um quilombo de 17 mil hectares, que abriga 4 mil famílias. Continua sua luta pelos direitos humanos, sem dar muita trela às tragédias pessoais. Em 2009, perdeu para a leucemia uma das três filhas, Josiclécia. Um ano depois, quando se dirigia com outros onze integrantes de movimentos sociais a um evento de educação infantil, no centro de Salgueiro, foi vítima de um capotamento na BR-232, e teve que se despedir de quatro colegas de luta, além da vida como conhecia. "Não posso parar. No quilombo é onde eu quero passar o resto de minha vida, junto a meu marido, e penso sempre no bem estar de todos", comenta.

Essa determinação é aliada imprescindível na batalha da vida. Na comunidade, estudou até a 4ª série, antigo limite da educação local. Foi trabalhar nos centros urbanos das cidades vizinhas como empregada doméstica para tentar seguir em sua formação acadêmica. As exigências de tempo do trabalho impediram que fosse além da 6ª série. Depois do difícil renascimento pós acidente, cursando o 1º ano do Ensino Médio, novas metas: "Meu sonho é seguir estudando. Meu objetivo é a faculdade de gastronomia. Se vou conseguir, não sei. O que sei é que sigo tentando".



Com as bênçãos dos orixás



Mulher, negra e lésbica, e daí?



Sem dar trela aos dramas pessoais



Discurso afiado na academia

Expediente

Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydia Barros | Reportagem e produção: Ed Wanderley

Coordenação de fotografia: Inês Campelo | Fotografias: Arthur Souza/DP/D.A Press, Benda Souto Maior/DP/D.A Press, Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press, Júlio Jacobina/DP/D.A Press e Synara Nyni/Especial DP/D.A Press

Produção, Design e Desenvolvimento: Taís Nascimento



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiário

[Curtir](#) 232 [Tweetar](#) 17 [+1](#) 0

Discurso afiado na academia

"O espaço da fala é primordialmente masculino. Então encaro minha rotina como um desafio diário para ir além não apenas do gênero, mas da minha cor"

Todos os dias, Mônica Vilaça, 33 anos, busca uma liberdade que não tem. O atestado de sua negritude foi contestado, durante anos, dentro da própria casa. Filha de metalúrgicos, pai preto e mãe branca, era a "moreninha" da família. Forma "delicada" de disfarçar a raça da qual sempre teve orgulho, mas que nunca foi propriamente aceita por sua mãe. "Era a forma dela de proteção. Não dizia que eu era negra, o que, por muito tempo, influenciou nessa construção de identidade que você sempre acaba buscando. É complicado quando a intolerância é sentida (e velada) dentro de sua casa", conta.

O cabelo, faz questão de deixar crespos e naturais. Colares e pulseiras oferecem, em ornamentos, o que seu corpo já tem bastante: cor. A família sempre viveu no Engenho Velho, em Jaboatão dos Guararapes. Entre os irmãos, foi a primeira a acessar a universidade. Realidade que durante muito tempo nem em sonho se fazia. "É loucura olhar para trás e perceber que você sequer visualiza aquele espaço como sendo uma possibilidade de ser frequentado, pelo simples fato de desconhecê-lo. De sequer fazê-lo uma opção", lembra.

Foi induzida por um professor a fazer um curso técnico em química. A proximidade com o campus da Universidade Federal e a relação com o movimento estudantil foram as condições para que novos horizontes se fizessem reais. Escolheu sociologia, curso em que, com apenas outros dois negros, se formou e fez carreira. "O espaço da fala é primordialmente masculino. Então encaro minha rotina como um desafio diário para ir além não apenas do gênero, mas da minha cor", explica, com a simplicidade de quem se acostumou a desconstruir preceitos e preconceitos como uma forma de sobrevivência e manutenção da própria estabilidade emocional.

Pernambucana por opção (nasceu em São Paulo onde morou até os 3 anos), Mônica Vilaça fez da outrora distante universidade local seu ambiente de trabalho. Envolvida em projeto de formação de educadores no Nordeste pela Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), viu a questão da cor voltar a se apresentar em sua formação. Hoje trabalha com mães solteiras, situação de vulnerabilidade ainda mais sensível quando se trata de mulheres negras, 90% de toda a demanda de associações como a de Mães Solteiras de Pernambuco. Uma forma direta que o destino lhe impôs de não apenas observar a realidade de seus semelhantes, mas de promover diferença na vida de quem, da pior forma, teve que conviver sendo tratado por "diferente".



Com as bênçãos dos orixás



Mulher, negra e lésbica, e daí?



Sem dar trela aos dramas pessoais



Discurso afiado na academia

Expediente

Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydia Barros | Reportagem e produção: Ed Wanderley

Coordenação de fotografia: Inês Campelo | Fotografias: Arthur Souza/DP/D.A Press, Bienda Souto Maior/DP/D.A Press, Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press, Julio Jacobina/DP/D.A Press e Synara Klyni/Especial DP/D.A Press

Produção, Design e Desenvolvimento: Taís Nascimento



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiario

[Curtir](#) 232 [Tweeter](#) 17 [+1](#) 0

Democracia racial, um mito

Ser negra significa se colocar a prova duas vezes. Por ser mulher e pela cor da pele. Condição não assumida por muitas. Em Pernambuco, 273.078 mulheres se declaram negras. Os números poderiam ser bem maiores, caso não houvesse o receio do significado de aceitar-se dessa cor. É esse cenário que torna tão larga a fatia das que se dizem "parda". Nada menos que 2,5 milhões de pernambucanas, 55% do total.

Os motivos são expressos em indicadores bem claros ([confira infográfico no final da matéria](#)). Nove em cada dez atendimentos da Associação de Mães Solteiras de Pernambuco são voltados a mulheres negras, grupo que, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), recebe salários menores que os de mulheres brancas (em relação aos homens, a diferença é superior a 50%) e cujo desemprego, no estado, é o maior do país (36,7%). A questão se torna ainda mais alarmante quando são somadas a essa realidade as incapacidades físicas, a orientação sexual (diferente dos padrões morais instituídos) ou as religiões de matrizes não cristãs. Números da ONG SOS Corpo, mostram que, entre os anos de 2007 e 2009, 80% das mulheres assassinadas em Pernambuco eram negras. É quando a discriminação assume traços ainda mais cruéis e inegáveis.

É nesse cenário que cresce a fatia de mulheres que se dizem "pardas". Nada menos que 2,5 milhões de pernambucanas, 55% do total, frutos da homogeneizante miscigenação. Uma espécie de fuga ao que os indicadores sociais insistem em denunciar: as negras têm menos acesso a saúde, educação e moradia e são maioria quando se trata dos grupos mais pobres da sociedade. "Você não é negra. Você é morena", era o que ensinava a mãe da socióloga [Mônica Vilaça](#), 33, hoje ativista pelos direitos humanos. "Era uma forma de proteção mesmo. E de não-aceitação", completa.

Essa realidade, no entanto, não é isolada. "Você é rejeitada por ser diferente. Tem que usar químicos nos cabelos para alisá-los. Acaba pressionada para fingir que aquilo não é com você. No mercado profissional você sente bastante esses obstáculos", completa a bacharel em marketing, [Fernanda Lima](#), 37. Homossexual, ela enfrenta diversas formas de discriminação, mas garante que é a racial que dói de forma mais humilhante. "Só entende quem passa".

A discriminação se apresenta com obviedade quando a liberdade é cerceada, como ocorre no campo religioso. [Vera Baroni](#), 67, uma das integrantes do movimento Mulheres de Terreiro, entende bem esse tipo de rejeição. "Somos julgados até por quem faz parte da mesma Igreja, Igreja esta que disse que negro não tinha alma e, por isso, poderia ser escravizado", critica. Mais de 120 anos após a abolição, quem se dedica a religiões de matrizes africanas ainda sofre julgamentos. "Dizem que somos satanistas. As mesmas pessoas que dizem que negro fede. Todo mundo tem um cheiro característico, mas o nosso é ruim? Discriminar é impedir que outros tenham acesso a seus direitos", afirma.

De acordo com dados do último Programa das Nações Humanas para o Desenvolvimento (PNUD), o chamado Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado ao Gênero (IDHG) coloca o Brasil na 91ª colocação entre 143 países, quando avaliada a qualidade de vida da mulher negra em termos de renda per capita, nível de instrução e expectativa de vida. A expectativa de pessoas como [Valdeci Maria da Silva](#), 48, nascida e criada no quilombo Conceição das Crioulas, na cidade de Salgueiro, Sertão do estado, é que a vida mude em um futuro não tão distante. O custo? Muito sacrifício. Val, como é chamada, perdeu uma filha para a leucemia e os movimentos das pernas em um acidente quando se dirigia a um evento promovido por movimentos sociais, há dois anos. "A gente lutou muito. Vai fazer diferença. O futuro será melhor. A negra vai ser ligada à própria história e não vai ser discriminada por isso, acredita.

Contra o preconceito, a lei

No crime de racismo - quando a ofensa é direcionada a toda a população negra -, o denunciado pode ser condenado de dois a cinco anos de reclusão, segundo a lei 7.716/89.

» leia matéria completa

Confira a cartilha contra o racismo do MPPE



» clique no centro para ampliar

BRASIL

1° em população negra fora do continente africano
2° no mundo, atrás apenas da Nigéria

25,3%
ou 1 em cada 4



jovens negras brasileiras entre 15 e 24 anos não estuda ou não trabalha

Mesmo índice entre outros grupos:

- 23,1% das mulheres em geral
- 13,9% dos homens jovens
- 18,8% dos homens negros

Para cada

1 mulher negra no mercado formal são **15 mulheres brancas** empregadas ou **24 homens brancos** empregados



Numa hora de trabalho,
A mulher recebe **14,3% a menos** que o homem
A mulher negra, **até 50% menos**

Ranking de desemprego de jovens negras no país

1°	2°	3°	4°	5°
36,7%	36,0%	34,9%	33,7%	33,2%
Pernambuco	Rio Grande do Norte	Alagoas	Pará	Roraima

A pobreza no mundo

50%
mulheres negras



30%
homens

70%
mulheres



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiário

Curir 232 Tweetar 17 +1 0

Contra o preconceito, a lei

Até abril deste ano, 66 casos de injúria racial foram formalizados apenas em sete cidades da Região Metropolitana do Recife. No ano de 2010 e em todo o estado foram 171 casos. As informações são do Ministério Público de Pernambuco, com base em ocorrências registradas pelas polícias Civil e Militar. "Hoje há uma consciência maior, as pessoas denunciam mais. Também há uma postura diferenciada para que as autoridades, do delegado ao juiz, não atenuem os casos de discriminação", explica a coordenadora do grupo de trabalho de racismo do MPPE, Maria Bernadete Figueiroa.

De acordo com o juiz de direito da 11ª Vara Criminal do Recife, João Guido Tenório, ao mesmo tempo em que cada vez mais pessoas procuram a Justiça, os julgamentos vêm sendo realizados com maior rapidez. No crime de racismo - quando a ofensa é direcionada a toda a população negra -, o denunciado pode ser condenado de dois a cinco anos de reclusão, segundo a lei 7.716/89. "Esse crime não prescreve. A pessoa pode ser denunciada a qualquer tempo e condenada pelo que fez. Já no caso da agressão ser individualizada, quanto a uma única vítima, sem generalizações, trata-se de injúria racial", explica. O crime, previsto no artigo 140 do Código Penal, prevê multa e prisão de um a três anos de cadeia, além de indenização para a vítima.

Para dar início a um processo, no entanto, é preciso seguir uma série de protocolos, que tem início da denúncia formal à polícia. Além do disque-denúncia, a vítima pode procurar uma delegacia para formalizar a queixa ou o próprio Ministério Público. No caso de agressões sofridas dentro de casa, por parte de familiares e que envolvam danos físicos, a denúncia pode ser realizada na Delegacia da Mulher e o crime passa a ser enquadrado na Lei Maria da Penha.

Para denunciar

POR TELEFONE

Polícia Civil e Militar: 190

Central de denúncias do Ministério Público de Pernambuco: 0800 281 9455

Promotoria de Justiça de Direitos Humanos: (81) 3182-7470 / GT Racismo: (81) 3182-7000

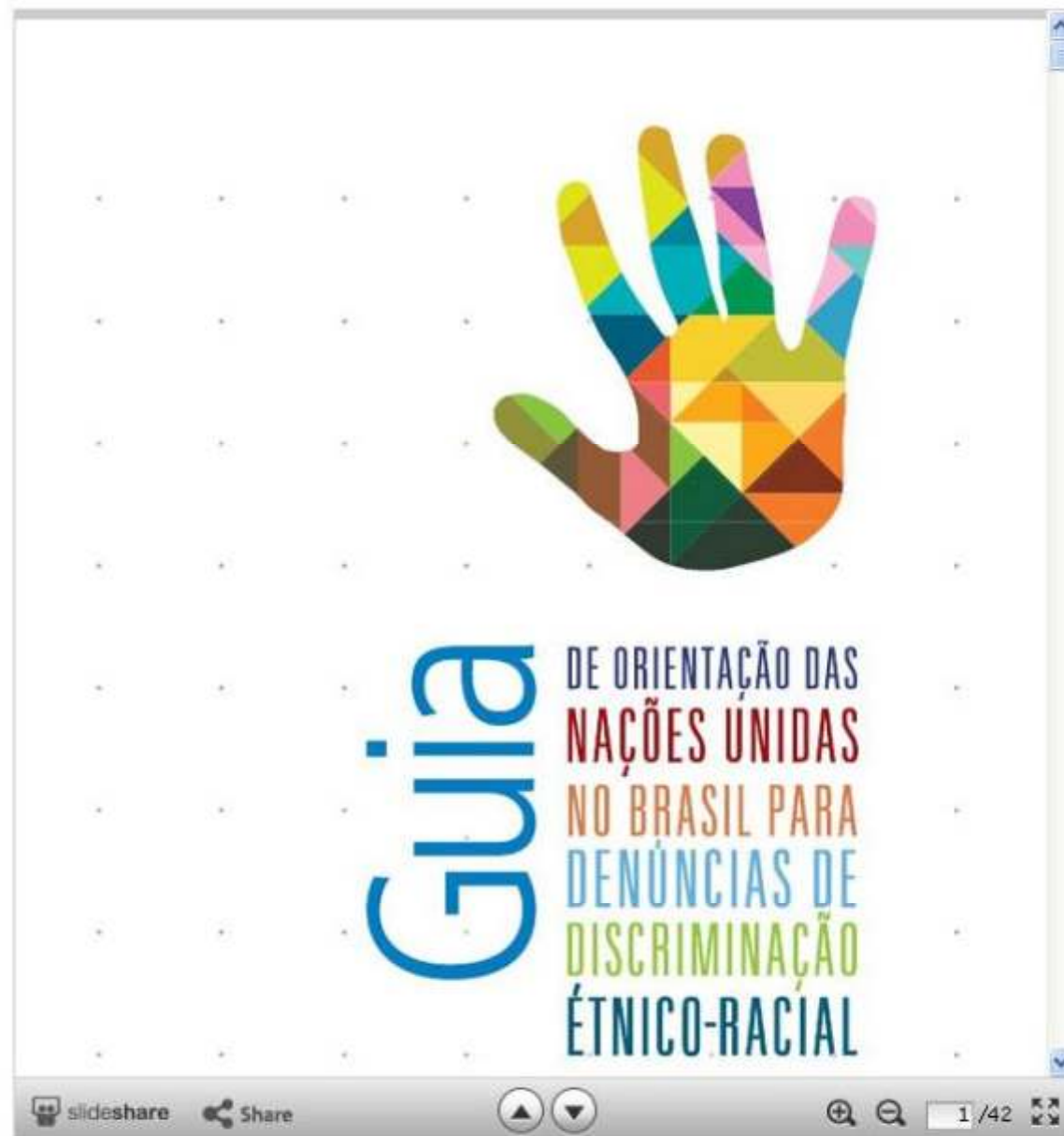
PESSOALMENTE E PELA INTERNET

Delegacias da Polícia Civil:
www.policiacivil.pe.gov.br

Promotoria de Justiça:
www.mp.pe.gov.br

Diretoria de Igualdade Racial da Prefeitura do Recife:
www.recife.pe.gov.br/2011/06/13/diretoria_de_igualdade_racial_177213.php

Comitê Estadual de Promoção da Igualdade Étnicorracial (CEPIR):
cepir-pe.blogspot.com.br



» Confira as diretrizes da ONU sobre o racismo de pepantocom

Expediente

Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydiá Barros | Reportagem e produção: Ed Wanderley

Coordenação de fotografia: Inês Campelo | Fotografias: Arthur Souza/DP/D.A Press, Blenda Souto Maior/DP/D.A Press, Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press, Júlio Jacobina/DP/D.A Press e Synara Niyi/Especial DP/D.A Press

Produção, Design e Desenvolvimento: Taís Nascimento



Democracia racial? Memória Negra #NegrasnoDiario

Curtir 232 Tweetar 17 +1 0

#NegrasnoDiario

As leitoras do Diário de Pernambuco descreveram o que significa ser negra e contribuíram com fotografias próprias ou de mulheres negras que desejavam homenagear.



Ser negra é uma questão de identidade, de raça, de gênero e de classe. É um modo de vida, é ter orgulho de ser quem sou, principalmente nessa sociedade machista e classista. É algo que não é individual, é coletivo - **Gláucia Maria, técnica educadora da Casa da Mulher do Nordeste**



"Ser mulher egra é sinônimo de força e axé, é uma oportunidade constante de fortalecimento da auto-estima negra - **Itanacy de Oliveira, técnica educadora e coordenadora do Programa Mulher, Trabalho e Vida Urbana, da Casa da Mulher do Nordeste**



Ser negra é ter orgulho de nossas raízes, ser feliz e não abaixar a cabeça por nada nem por ninguém! - **Cristina Souza, artesã e coordenadora do Grupo Ateliê Moda Recife**



Ser negra é amar minhas raízes - **Aissa Samira, Guineense**



Em que minha negritude te afeta? Nas diferenças das nossas cores? No racismo que não sentes na pele? - **Ana Carla Lemos, militante do Movimento LGBT**



Belisa Alves, estudante



Ser jovem negra é trazer a consciência negra no que sou, faço, penso, sinto... É se alimentar disso para fortalecer a luta cotidiana em busca de uma vida mais justa e respeitosa, livre do racismo, machismo e fundamentalismo - **Carlita Roberta, estudante**



Helayne Sampaio, Coordenadora de Dança do Afôxé Oyá Alaxé e Balé A'jo Nagô



Iris Regina, artista plástica



Ser mulher negra é ser guerreira. É assumir a sua negritude, valorizando sua história e suas raízes. É se achar LINDA, mesmo que a considerem "exótica". É se achar INTELIGENTE, mesmo que a considerem esforçada. É ter muito orgulho de ser uma Mulher Negra - **Katia Betmann**



Minha beleza não é efêmera, como que eu vejo em bancas por aí. Minha natureza é mais que estampa é um belo samba que ainda está por vim... - **Manu Rocha**



O racismo estabelece a inferioridade social das mulheres negras. As mulheres negras representam no contexto histórico as sobreviventes da luta. - **Marta Almeida**



Renata Rodrigues, educadora



Roberta Cardoso, radialista



Sou preta, negra na cor, feliz por ser quem sou! - **Suzana Amorim**



Tata Lopes, estudante



Uana Mahin, pesquisadora



Assumir minha identidade de mulher negra é me redescobrir como sendo linda, inteligente e capaz, Retirando a venda do racismo que cobria os meus olhos e que me coloca como inferior e incapaz perante uma sociedade que pouco valoriza a mulher principalmente quando ela é negra. - **Waneska Viana, socióloga**

Expediente

Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydia Barros | Reportagem e produção: Ed Wanderley

Coordenação de fotografia: Inês Campelo | Fotografias: Arthur Souza/DP/D.A Press, Blenda Souto Maior/DP/D.A Press, Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press, Julio Jacobina/DP/D.A Press e Synara Klyni/Especial DP/D.A Press

Produção, Design e Desenvolvimento: Taís Nascimento



Democracia racial? **Memória Negra** #NegrasnoDiario

Curte 232 Tweetar 17 +1 0

Memória Negra

Pátio do Terço



Localizado no bairro de São José, no Recife, o local é palco da Noite dos Tambores Silenciosos, realizada na segunda-feira de carnaval, em memória dos negros sacrificados. Crédito: Alexandre Gondim/DP/D.A Press e Júlio Jacobina/DP/D.A Press

Pátio de São Pedro



Ainda com traços do período colonial, o pátio, localizado no bairro de São José, recebe, todas as semanas, a "Terça Negra", evento voltado à manifestação da cultura afro-brasileira. Crédito: Rafa Medeiros/Prefeitura do Recife



Escultura do poeta Solano Trindade, no Pátio de São Pedro. Crédito: Carlos Augusto/Prefeitura do Recife

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Recife



Localizada no bairro de Santo Antônio, no Recife, a Igreja foi edificada em 1630 pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, formada por escravos negros. Crédito: Hugo Acioly/Prefeitura do Recife

Sítio de Pai Adão



Localizado no bairro de Água Fria, no Recife, o local, cuja história é diretamente ligada à chegada da africana Inês Joaquina da Costa, a Tia Inês, ao Brasil e hoje recebe o terreiro Ilê Obá Ogunté. Crédito: Ricardo Fernandes/DP/D.A Press

Xambá



Um dos únicos quilombos urbanos do país, localizado em Olinda, onde é mantida a religião Nação Xambá, um dos últimos pontos do país. Crédito: Blenda Souto Maior/DP/D.A Press



Coco tradicional do terreiro de Xambá. Crédito: Helder Tavares/DP/D.A Press

Alto da Sé



Um dos locais mais visitados de Olinda, é marcado pela presença do Palácio de Iemanjá, antes comandado pelo Pai Edu, é sede da escola de samba Preto Velho e possui grande presença de tapioqueiras negras. Crédito: Cecília de Sá Pereira/DP/D.A Press

Tortura Nunca Mais



Localizado na Rua da Aurora, o monumento, criado em homenagem a vítimas da ditadura militar virou símbolo da busca pela dignidade humana, comum à causa de todas as minorias. Crédito: Hugo Acioly/Prefeitura do Recife

Conceição das Crioulas



Mais conhecido quilombo ainda em funcionamento, Conceição das Crioulas é localizado na zona rural da cidade de Salgueiro, no sertão do estado. Crédito: Bernardo Dantas/DP/D.A Press

Expediente

Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydia Barros | Reportagem e produção: Ed Wanderley
Coordenação de fotografia: Inês Campelo | Fotografias: Arthur Souza/DP/D.A Press, Blenda Souto Maior/DP/D.A Press, Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press, Júlio Jacobina/DP/D.A Press e Synara Klyni/Especial DP/D.A Press
Produção, Design e Desenvolvimento: Tais Nascimento